



## JOGOS OLÍMPICOS EM XEQUE: CORRELAÇÕES ENTRE A HUMANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS E AS CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA DA COVID-19

Resumo - A história dos Jogos Olímpicos da Era Moderna está cada vez mais associada ao poder econômico, caracterizado pelo entretenimento, trazendo, ainda, repercussões em seus atores e eventos. Nesse sentido, são múltiplos os impactos da pandemia da Covid-19 decorrentes do adiamento da edição do ano de 2020 em Tóquio, Japão; isso acarretou uma pausa e, ao mesmo tempo, uma reestruturação do evento e várias adaptações de seus participantes. O objetivo geral deste artigo é investigar as edições do Jogos Olímpicos da Era Moderna, a partir da periodização para os Jogos Olímpicos, jogando luz aos motivos do adiamento da edição de Tóquio, 2020. Para tanto, são trazidos para a discussão alguns dos principais aspectos históricos e sociais das edições olímpicas, bem como as edições que foram canceladas, ou que sofreram boicote, ou que, recentemente, foi adiada. Propõe-se compreender, desse modo, as relações envolvidas num evento de escala global e sua influência na humanização das práticas esportivas em contextos de instabilidade social. Dentre os resultados obtidos, constatou-se a estereotipação do atleta como herói, a distância entre a essência dos jogos, formação de atletas e sua alta exposição, assim como a decorrência deste cenário que perpassa o imaginário esportivo contemporâneo do herói.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; pandemia; humanização; periodização.

## OLYMPIC GAMES IN CHECK: CORRELATIONS BETWEEN THE HUMANIZATION OF SPORTS PRACTICES AND THE EXTERNAL CONSEQUENCES OF THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract - The history of the Modern Olympic Games is increasingly associated with economic power, characterized by entertainment, also bringing repercussions on its actors and events. In this sense, the impacts of the Covid-19 pandemic resulting from the postponement of the 2020 edition in Tokyo, Japan are multiple; This led to a pause and, at the same time, a restructuring of the event and several adaptations for its participants. The general objective of this article is to investigate the editions of the Olympic Games of the Modern Era, based on the periodization for the Olympic Games, shedding light on the reasons for the postponement of the Tokyo 2020 edition. The discussion of some of the main historical and social aspects of the Olympic editions, as well as the editions that were cancelled, or that were boycotted, or that were recently postponed. It is proposed to understand, in this way, the relationships involved in an event on a global scale and their influence on the humanization of sporting practices in contexts of social instability. Among the results obtained, there was the stereotyping of the athlete as a hero, the distance between the essence of the games, the training of athletes and their high exposure, as well as the result of this scenario that permeates the contemporary sporting imagination of the hero.

Keywords: Olympic Games; pandemic; humanization; periodization.

## JUEGOS OLÍMPICOS EN JAQUE: CORRELACIONES ENTRE LA HUMANIZACIÓN DE LAS PRÁCTICAS DEPORTIVAS Y LAS CONSECUENCIAS EXTERNAS DE LA PANDEMIA DE COVID- 19

Resumen - La historia de los Juegos Olímpicos modernos está cada vez más asociada al poder económico, caracterizado por el entretenimiento, trayendo también repercusiones sobre sus actores y eventos. En este sentido, los impactos de la pandemia de Covid-19 producto del aplazamiento de la edición 2020 en Tokio, Japón, son múltiples; Esto provocó una pausa y, al mismo tiempo, una reestructuración del evento y varias adaptaciones para sus participantes. El objetivo general de este artículo es investigar las ediciones de los Juegos Olímpicos de la Era Moderna, a partir de la periodización para los Juegos Olímpicos propuesta por Rubio (2010), arrojando luz sobre los motivos del aplazamiento de la edición de Tokio 2020. Discusión de algunos de los principales aspectos históricos y sociales de las ediciones olímpicas, así como de las ediciones canceladas, boicoteadas o pospuestas recientemente. Se propone comprender, de esta manera, las relaciones involucradas en un evento a escala global y su influencia en la humanización de las prácticas deportivas en contextos de inestabilidad social. Entre los resultados obtenidos destacan la estereotipación del deportista con el héroe, la distancia entre la esencia de los juegos, la formación de los deportistas y su alta exposición, así como el resultado de este escenario que permea el imaginario deportivo contemporáneo del héroe.

Palabras-clave: Juegos Olímpicos; pandemia; humanización; periodización.

*Juliana Ferreira dos  
Santos*

*jubahia@usp.br*

*Universidade de São  
Paulo, Brasil*

*Andreza Rodrigues  
Marreiros de Sousa*

*Universidade de São  
Paulo, Brasil*

*Maria Alice  
Zimmermann*

*Universidade de São  
Paulo, Brasil*

[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v8.id178](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v8.id178)

*Recebido: 28 ago 2023*

*Aceito: 25 jan 2024*

*Publicado: 25 jan 2024*



## Introdução

A pandemia da Covid-19 eclodiu em dezembro de 2019, por meio do vírus SARS-CoV-2, conhecido como Novo Coronavírus. O vírus surgido em Wuhan, na China, se alastrou para outros países e continentes, culminando em uma quarentena mundial, causando a morte de milhões de pessoas. Uma das consequências dessa pandemia foi o adiamento dos Jogos Olímpicos que iriam se realizar em Tóquio, Japão, em 2020. Essa foi a quarta vez que os Jogos Olímpicos foram pausados na história moderna do evento: a primeira vez ocorreu em 1916, em decorrência da 1ª Guerra Mundial; a segunda e a terceira vez, em 1940 e 1944, por causa da 2ª Guerra Mundial; e, em 2020, em virtude da pandemia. Compreendendo a importância de examinar esse acontecimento histórico, pretende-se neste estudo discutir os impactos da pausa/adiamento nos Jogos Olímpicos, especialmente no que tange a humanização das práticas esportivas.

Desse modo, o objetivo geral deste artigo é explorar as edições do Jogos Olímpicos da Era Moderna, a partir da periodização para os Jogos Olímpicos proposta por Rubio (2010), jogando luz aos motivos do adiamento da edição de Tóquio, 2020. Para tanto, parte-se de um viés interpretativo da humanização das práticas do esporte<sup>1</sup>- nessa perspectiva, pretende-se correlacionar os Jogos Olímpicos, entendidos como práticas esportivas de excelência no cenário global, e seus aspectos sociais. Conforme explica Rubio, em uma entrevista concedida à Tammarro<sup>1</sup>, “[...] os países adotaram medidas diferentes de combate ao coronavírus, por isso, há casos de atletas que treinaram normalmente, mas também de atletas que praticamente não puderam treinar (s/p)”; e, portanto, “[...] se houver essa edição olímpica, ela já nasce prejudicada, porque as condições de treinamento estão muito desiguais. E um dos princípios olímpicos é a igualdade (s/p)”. Justifica-se, assim, o interesse e a pertinência de se examinar esse acontecimento pelo prisma da humanização das práticas esportivas. Este trabalho se apoia, portanto, no fato de que os Jogos Olímpicos constituem um objeto de estudo e, como tal, trazem significados e preceitos a serem investigados cientificamente pelo pesquisador. Por essa razão, esta proposta teve como problema de fundo os impactos da Covid-19 nos Jogos Olímpicos modernos, haja vista a situação de quarentena por tempo indeterminado no Brasil, no mundo e suas decorrências externas.

Ademais, é preciso problematizar a compreensão mecânica e superficial do trato com o corpo e de suas potencialidades. Como explicam Moreira, Pellegrinotti e Borin<sup>2</sup>

[...] trato com o corpo do ser humano ao longo da história ocidental, alicerçado na ciência moderna pelo mecânico, foi sendo construído a partir da ideia de homem-máquina, aquele que poderia ser manipulado, adestrado, disciplinado, em última análise, para o aparecimento de um corpo dócil, cumpridor de ordens, visando à manutenção do já estabelecido e da permanência do poder e dos poderosos (p.186).

Além da concepção sobre o corpo-máquina, há também a percepção que persiste na história da pedagogia: quem pode ser educado? Nesse sentido, o corpo como elemento físico e condicionado pelos movimentos e pela sua repetição é apenas um aparelho a comando de um ser consciente; agora, o corpo entendido como elemento plurissignificativo e carregado de intersecções com o meio em que vive, convive e sobrevive é outro conceito. Por isso, quando se traz o sujeito para o nível de consciência de seu pertencimento e de sua intrínseca relação com o meio, o corpo não pode ser mais entendido apenas e tão somente pelos movimentos que faz, pela busca do gesto perfeito ou pela forma que possui.

## **Metodologia**

Para alcançar marcos dessa humanização, neste artigo, propõe-se a seguinte divisão: primeiramente, são tratados os aspectos sócio-históricos dos Jogos Olímpicos no Brasil e no mundo, a partir da periodização proposta por Rubio<sup>3</sup>, seguida de algumas problemáticas sociais referentes aos seus aspectos econômicos e políticos; em seguida, são tecidas reflexões a partir de Rubio<sup>3-5</sup> para se discutir como se pode interpretar de um modo humanizado os impactos da pandemia de Covid-19 no adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio, Japão.

Para alcançar o objetivo do artigo, foi adotada a metodologia de um ensaio acadêmico que se coloca como um texto para discutir determinado tema, de relevância teórica e científica, com base teórica em livros, revistas, artigos publicados, entre outros<sup>6</sup>. É um prisma que se sustenta em uma pesquisa descritiva-exploratória, uma vez que o tema é recente na literatura – daí ser exploratória –; e, por isso, essa temática precisa ser caracterizada e examinada em seus detalhes e contornos – o que define uma pesquisa também ser descritiva.

Desse modo, compreende-se que o sentido dos Jogos Olímpicos para esse momento se decifra como uma transição paradigmática proposta por Kuhn<sup>7</sup>, na qual é por

meio dela que as crenças, os valores, as ideias e os conhecimentos são compartilhados, incrementando a constituição do imaginário. Logo, é também um espaço de discussão, uma vez que pode ser empregada para a conservação do paradigma contemporâneo ou para sua transformação – o que evidencia que a técnica de análise dos dados é interpretativa, por isso este estudo é uma revisão de literatura não sistemática.

Por fim, essa escolha metodológica se dá em virtude da complexidade do fenômeno estudado e sua singularidade, porque a pausa na edição olímpica de Tóquio, Japão, não pode passar despercebida pela comunidade científica e a investigação do tema começa por sua descrição exploratória e, inicialmente, interpretativa dos fatos e acontecimentos. Nesse sentido, nas próximas seções, propõe-se depreender: primeiro, a trajetória histórica e social dos Jogos Olímpicos modernos; e, em seguida, suas consequências externas decorrentes da pandemia de Covid-19.

### **História dos Jogos Olímpicos no Brasil e no mundo: do passado ao presente**

Conforme Rubio<sup>5</sup> e dentro de uma ética competitiva na Antiguidade Grega, os Jogos Olímpicos foram uma das várias competições realizadas na Grécia Antiga. Era uma grande competição composta principalmente por práticas atléticas, mas também de combates e corridas de bigas - nessas ocasiões, guerras eram cessadas (tréguas) e um espírito de grupo era formado. Providos de cunho religioso, esses eventos esportivos eram acompanhados de rituais de sacrifício animal e expressões artísticas (teatro, poesia etc.) dedicadas aos deuses do monte Olimpo. Os jogos da antiguidade tiveram suas últimas edições por volta do final do século V d.C., foram proibidos pelo imperador Theodosius, que decidiu combater adoração aos deuses, devido a sua conversão ao cristianismo. Com o intuito de organizar um evento de abrangência internacional nos moldes daqueles realizados na Antiguidade, Pierre de Coubertin traz a ideia de reinventar algo que já tenha certa tradição - Assim, em 1896, em Atenas, os Jogos Olímpicos da Modernidade nascem com uma perspectiva internacionalista e itinerante.

De acordo com Rubio<sup>3</sup>, dá-se início à fase de estabelecimento que tem como marcos principais a universalização das regras, partindo da premissa de que o “esporte é universal”; a disseminação da paz e a publicização dos Jogos Olímpicos. Dessa forma, os Jogos de Atenas (1896), Paris (1900), Saint Louis (1904), Londres (1908) e Estocolmo (1912) compuseram esse período estrutural dos Jogos Olímpicos Modernos. Em 1916

figura o cenário da Primeira Guerra Mundial\* e, por isso, uma nova edição Olímpica só vem acontecer no ano de 1920, na Antuérpia, dando início ao que a autora chama de fase de afirmação. As edições que seguiram foram marcadas pela consolidação dos jogos com caráter internacional, das regras, do amadorismo e da compreensão de que os Jogos Olímpicos também são uma ‘vitrine’ política. Essa fase compreende o período entre os Jogos de Antuérpia 1920 e Berlim 1936, sendo que o cenário da Segunda Guerra Mundial inviabilizou a realização dos jogos de 1940 e 1944.

A fase de conflito dá-se no início na edição de Londres 1948 e vai até a edição de Moscou 1980; os acontecimentos marcantes desta fase estão relacionados aos dois grandes boicotes e a profissionalização, tanto da realização dos Jogos quanto dos atletas<sup>3</sup>. Os boicotes aconteceram nos jogos de Moscou (1980)<sup>†</sup> e Los Angeles (1984)<sup>‡</sup>, sendo esta última a primeira experiência de comercialização dos jogos, é a partir daqui que os jogos começam a dar lucro.

Com isso, para se chegar ao estado atual, que é composto por uma complexa rede de parcerias políticas e econômicas em torno dos Jogos Olímpicos, foi necessário superar a fase de conflitos decorrentes das guerras mundiais e da Guerra Fria. O alcance da excelência nas performances dos atletas foi sendo cada vez mais o alvo das competições depois de cessadas os conflitos bélicos em prol da globalização das economias. Com isso, deu-se início a fase de profissionalismo dos atletas, o que só foi possível no fim do século XX, a partir da edição de Los Angeles, em 1984<sup>3</sup>. Este percurso foi marcado por intensas disputas dentro e fora dos ambientes de disputa esportiva que, gradativamente, passaram a ser neutralizadas para o público geral. Para se explicitar esses conflitos, retomam-se alguns acontecimentos políticos que marcaram a história dos jogos e que também demonstram a humanização por trás das práticas esportivas. Aqui, conforme Moreira, Pellegrinotti e Borin<sup>2</sup>, entende-se humanização não no aspecto socioemocional, mas sim nos aspectos intrínsecos à complexa, dinâmica e adaptativa mentalidade/subjetividade do

---

\* Foi o primeiro conflito em estado de guerra total, bem como a primeira guerra do século XX; ocorreu entre os anos de 1914 e 1918, no continente europeu, sendo motivada por rivalidade econômica, questões nacionalistas entre outros fatores. Ficou marcada pelo saldo altíssimo de mortos, cerca de 10 milhões de pessoas.

† Boicote decretado pelos EUA em resposta à invasão soviética no Afeganistão, no ano de 1979. Mais de 60 países se ausentaram dos Jogos, entre eles o Canadá, a Alemanha Ocidental e o Japão.

‡ Os soviéticos se recusaram a participar da edição que ocorreu nos EUA, a exemplo do que havia acontecido na olimpíada anterior; comparativamente, nesta edição apenas 16 países se ausentaram.

ser humano diante dos fenômenos ao seu redor. Eis o prisma pelo qual são narrados os fatos históricos a seguir<sup>§</sup>.

Vale citar a presença nazista na edição de 1936 em Berlim que, segundo Rubio<sup>4</sup>, fez com que esses tenham sido os Jogos Olímpicos mais citados e discutidos. Isso decorre, pois contou com a presença de Adolf Hitler, gerando questionamentos a respeito da excessiva flexibilidade política dos organizadores do evento. Em uma das edições posteriores à 2ª Guerra Mundial, houve o banimento da Alemanha e do Japão, que formavam a Aliança do Eixo na 2ª Guerra Mundial, marcando assim a edição inglesa, de 1948.

Houve também esse ativismo político durante a 1ª Guerra Mundial. Aconteceu nos Jogos Olímpicos de 1920, sediados na Antuérpia, Bélgica. Nesse período, as cidades europeias ainda se apresentavam devastadas pela guerra mundial; por isso, esses jogos abriram uma oportunidade de rearticulação política dos países. É um fato que, nesta edição, tiveram muitas improvisações. A organização, inclusive, teve que realocar as instalações para a realização de algumas modalidades e algumas delegações sofreram, inclusive, com problemas de abastecimento de alimentos<sup>4</sup>. Já na segunda metade do século XX, se destacaram protestos dentro e fora dos jogos, concomitantemente ao período de ameaças e atentados decorrentes<sup>4</sup>. Os protestos realizados durante a edição de Melbourne, em 1956, marcaram o auge da Guerra Fria, sintetizado nas brigas entre atletas húngaros e soviéticos na modalidade do polo aquático. Como consequência, parte das instalações dedicadas ao evento não foi ocupada por causa do grande número de países desistentes. Dentre eles, países tradicionais no evento, como França e Suíça, optaram por não levar suas delegações.

De acordo com Trapé<sup>8</sup>, outro episódio bastante marcante nas edições dos Jogos Olímpicos modernos foi o caso do massacre na edição de Munique, em 1972. Esse triste momento registrou um ataque terrorista vinculado a um grupo palestino, culminando no sequestro e assassinato de três atletas. Com isso, os jogos passaram a ser questionados a respeito das garantias de segurança a atletas e autoridades. Observando as condições e o tratamento dado aos atletas, outro indicador se tornou cada vez mais notório: o avanço da sua transmissão televisiva a nível mundial. Os Jogos Olímpicos se tornaram um

---

<sup>§</sup> Esse pensamento sobre a humanização dos profissionais do esporte está em discussão em Florentino<sup>17</sup>.

importante janela para veicular informações formais e informais - sua veiculação nas grandes mídias possibilitou, inclusive, denúncia de crimes internacionais e tentativas de atentados, dentro e fora da competição.

Outra ocorrência presente nos Jogos Olímpicos modernos é a forma de protesto. Esse fenômeno atingiu seu auge na edição canadense de 1976, quando “[...] 29 países africanos boicotaram os jogos como forma de protesto contra a participação da Nova Zelândia, que havia realizado uma turnê esportiva na África do Sul, que estava sob o regime do apartheid (p. 230)”<sup>9</sup>. A Organização das Nações Unidas (ONU) havia solicitado que os países boicotassem as Olimpíadas se a Nova Zelândia participasse, e muitos países seguiram essa recomendação. Conforme destacado por Boykoff<sup>10</sup>, “[...] esse boicote afetou a participação de atletas de países africanos e levantou preocupações sobre o papel político dos Jogos Olímpicos (p. 2)”. Um outro marco importante foi a presença de uma delegação composta por refugiados que aconteceu, pela primeira vez, na edição brasileira, na cidade do Rio de Janeiro em 2016. Um grupo de 10 atletas refugiados compuseram a equipe olímpica, e a presença desse agrupamento evidenciou, para todo o mundo, que há uma crise humanitária decorrente de tragédias como as do Haiti e de guerras em países como a Síria<sup>11</sup>.

Dado o seu caráter eminentemente internacional desde sua refundação, tem se destacado um poder de sensibilização dos Jogos Olímpicos ao público geral e isso se dá de diversas formas: seja pela abertura do evento que é televisionada e transmitida para diversos países, participantes ou não das competições olímpicas, seja pelas campanhas publicitárias de altos orçamentos que divulgam os jogos e as marcas patrocinadoras. Com isso, o atleta olímpico vem sendo uma figura transformada pelo tempo e pelas conotações atribuídas; durante o século XX, o perfil do atleta olímpico mudou muito<sup>12</sup>:

Está cercado de pessoas que estão em busca das ferramentas e da munição que ele precisa para ter sucesso nessa nova carreira. Ele tem se cercado de alguns cuidados que o faz buscar essas informações. Ele está construindo essa identidade. Penso que duas coisas se combinam. Uma, é a preparação formal do ponto de vista da escolaridade. Mas há uma outra questão que é de ordem moral. São os valores que o sujeito carrega de sua vida, que vão fazê-lo ser uma boa pessoa ou não<sup>12</sup>.

Essa dupla articulação entre a disciplina corporal e a formação na construção do atleta moderno faz dele uma criatura em constante transformação. Isso se dá, de um lado, pelas técnicas e métodos de educação corporal que se alteraram com grande agilidade nos últimos anos, sobretudo com a inserção de aparelhos tecnológicos e vestimentas que estimulam, tratam e até modelam o movimento. Por outro lado, isso ocorre também pela consciência do atleta moderno que retoma e coloca em discussão a imagem do herói, trazendo, por vezes, características mais humanas do que divinas. Exemplos disso são a valorização da vida particular do atleta e sua relação com a comunidade esportiva, além de sua figura se tornar um modelo de conduta e inspiração para crianças e jovens<sup>5</sup>.

De fato, devido a visibilidade, algumas edições dos Jogos Olímpicos serviram como vitrines de importantes fatos políticos em meio à realização dos jogos. Sejam as guerras que causaram cancelamentos em algumas edições, ou então os boicotes que as marcaram da mesma maneira, o recente adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 pela pandemia de Covid-19, reforça a quão equivocada é a noção de que o esporte está alheio às dimensões econômicas, políticas e sociais. Dessa forma, a seção seguinte traz alguns contornos sobre os impactos da pandemia na execução dos jogos, especialmente no que tange à humanização dos atletas.

### **Impactos da pandemia nos Jogos Olímpicos e suas in(ter)ferências**

Em meio à construção do imaginário esportivo surge um importante papel pontuado por Rubio<sup>5</sup>: o papel pedagógico, considerado um conceito teórico constituído por um conjunto de estruturas arquetípicas que se apoiam e transformam a realidade ao longo do tempo. A autora ressalta que o herói moderno é, inclusive, constituído diferentemente daquele constituído em épicos como a Odisseia. As epopeias da Antiguidade clássica trouxeram personagens idealizados, que, em muitos casos, já nasciam com seu destino fadado à vitória. Em contraposição, na modernidade, são apresentadas recorrentemente as trajetórias de superação dos atletas, em múltiplos sentidos: superação de performances, ou mesmo de adversidades ao longo de suas vidas. O que está em jogo no esporte contemporâneo é, sem dúvida, um conjunto de histórias de vida de indivíduos dentro de um esporte único. Assim, o imaginário esportivo olímpico passou, historicamente, dos heróis próximos das divindades àqueles mais próximos da



mercantilização geral das atividades humanas e, certamente, tem influenciado as atitudes de jovens e adolescentes presentes nas escolas.

A edição de Tóquio era considerada como o início de uma nova era, especialmente com os esforços voltados à retomada de uma aproximação com a sociedade. No entanto, o que não se imaginava era que uma pandemia iria atravessar todo esse imaginário que cercam os jogos, já que a principal medida era o isolamento social. A pandemia de Covid-19 afetou uma das atividades mais lucrativas do esporte, que enche arquibancadas, impulsiona o turismo nas cidades sede e, conseqüentemente, atrai investimentos de acesso aos jogos (transportes, comunicação, rede hoteleira, entre outros)<sup>13</sup>.

Com o avançar e conseqüentemente o agravamento da pandemia, compreendeu-se a impossibilidade da realização do evento; entretanto, ao invés de anunciar o cancelamento desta edição, o anúncio apenas adiou o que já estava organizado para acontecer. Dessa forma, a edição de Tóquio inicia com algumas adaptações: o percurso da tocha olímpica, que deveria visitar 31 cidades e 15 pontos de referência em toda a Grécia, mas que teve que ser adaptado devido às exigências sanitárias impostas. Então, toda edição desenhada para ocorrer entre 23 de julho e 8 de agosto de 2020 foi suspensa e, ainda por cima, por tempo indeterminado.

De acordo com uma estimativa realizada pelo pesquisador Katsuhiko Miyamoto e relatada pela emissora NHK\*\* Japão, o custo de adiar as Olimpíadas de 2020 foi de aproximadamente 640,8 bilhões de ienes (3 bilhões de reais), levando em consideração as despesas de manutenção das instalações não utilizadas. Já o cancelamento completo custaria ao Japão cerca de 4,52 trilhões de ienes (2 trilhões de reais), com base em despesas operacionais e perda quase total das atividades turísticas previstas<sup>14</sup>. Estas cifras apontam o quão grave foi o impacto econômico e não somente sociocultural do adiamento da edição de Tóquio em 2020.

Acrescenta-se que, além dos impactos econômicos, a pandemia trouxe graves consequências na saúde e nas relações sociais dos atletas e de todos os envolvidos ao seu redor (equipe técnica, juízes, árbitros, organizadores, patrocinadores, etc.). Até o mês de setembro de 2020, o mundo já havia ultrapassado a marca de 32 milhões de infectados e mais de 950 mil mortos pela doença de acordo com a Organização Mundial da Saúde;

---

\*\* Emissora de rádio e televisão que tem sua sede em Shibuya, no Japão

sem uma previsão clara a respeito da diminuição de contágios em escala global, os organizadores da edição de Tóquio sofriam pressões internas e externas, bem como os atletas que não sabiam quando e se poderiam competir após a pandemia. Tudo estava muito incerto.

Para além desse fenômeno, é preciso recapitular a historicidade das pandemias e suas interferências nas circulações de bens, serviços e produtos. Vale lembrar da gripe espanhola, que atingiu quase 500 milhões de pessoas entre 1918 e 1920, com um número de mortes que jamais foi especificado por nenhum órgão internacional. Durante a edição belga de 1920, muito se falou sobre a 1ª Guerra Mundial e os Jogos Olímpicos como forma de reconciliação dos países após o conflito armado, mas a cerimônia também marcou a sobrevivência da espécie a referida moléstia. Diferentemente do que ocorreu há um século, a pandemia da Covid-19 exigiu o confinamento em quarentena e a proibição de público em estádios. Isso gerou o questionamento acerca da privação de atividades esportivas de lazer ao ar livre. Essa imposição naturalmente impactou os treinos e a preparação dos atletas, os quais tiveram que se adaptar em seus ambientes domésticos para continuarem os treinamentos, tendo em vista que o evento não havia sido cancelado, mas sim apenas adiado para um outro momento que ainda era incerto. Paralelamente a isso, dada a necessidade da quarentena dessa vez por tempo indeterminado, equipes perderam patrocinadores e foram desfeitas. Nesse momento, também muitos atletas ficaram desempregados; contratos foram rompidos e um clima de incerteza se instalou entre as equipes profissionais e, sobretudo, nos atletas que porventura não tinham de onde tirar recursos<sup>1</sup>.

Referente a delegação brasileira, por exemplo, com a intenção de minimizar as dificuldades financeiras, algumas organizações como as do tiro com arco, de futebol e de tênis fizeram grandes aportes financeiros para custear a manutenção dos atletas de alto desempenho – o que não necessariamente chegou aos atletas iniciantes e aos de rendimento em potencial. Nacionalmente, outra medida pública que se manteve foi o Programa Bolsa Atleta, que consiste em um auxílio financeiro para apoiar o desenvolvimento de atletas com potencial para representar o Brasil em competições relevantes<sup>15</sup>. Ainda de acordo com a reportagem do Sesc São Paulo, embora algumas ações de apoio tenham sido realizadas, nem todos os atletas foram contemplados. Pode-se dizer, conseqüentemente, que os efeitos da pandemia “atingiram atletas e outros atores

do esporte profissional (técnicos, arbitragem, integrantes de equipes como massagistas, etc.) de modos distintos, explicitando também as desigualdades de cada país”<sup>15</sup>. Esse debate acerca das opiniões sobre a quarentena atinge inevitavelmente as previsões sobre a importância e os recursos que sustentam as modalidades esportivas – isso decorre, porque algumas modalidades tiveram mais apoio e outras, nenhum.

Pontoglio<sup>15</sup> também destaca o crescimento do esporte eletrônico (e-sport) com a pandemia, dado o aumento de pessoas isoladas em suas casas. Os e-sports têm mostrado seu valor no entretenimento, com a reunião de milhares de jogadores, transmissão de lives e campanhas de doações organizadas no universo dos games aliado à internet. Modalidades de jogos de tabuleiro podem também ter sido pouco afetadas, como no caso do xadrez, que tem intensificado as suas ações digitais, realizando campeonatos internacionais, como a Copa On-line das Nações. Isso aponta um outro lado da pandemia, uma vez que sua ocorrência potencializou os e-sports e os jogos de tabuleiro, que não dependiam de ações presenciais. Esses outros aspectos evidenciam que nem todos os esportes foram afetados de forma desfavorável pela pandemia, variando de modalidade para modalidade e/ou nicho de mercado.

O tema do legado de uma olimpíada num país pode, por exemplo, gerar uma compreensão mais ampla de um grande evento, onde competem centenas de países, exigindo, ao mesmo tempo, comércio e serviços em torno dele. No concernente às questões das pessoas, estas tiveram que se (re)adaptar ao novo normal imposto pela Covid-19. Por exemplo, no caso dos atletas, eles tiveram que conviver em espaços de treino bem menores e, por vezes, improvisados em seus próprios lares. Com o passar do tempo e abertura gradual dos espaços das cidades, os praticantes de esportes foram incentivados ao retorno de sua prática, inclusive como manutenção da saúde mental. Observou-se, com isso, um movimento de maior valorização das práticas esportivas para o bem-estar social e para o equilíbrio da saúde e da própria vida pessoal e seus relacionamentos interpessoais; percebe-se que muitas pessoas tomaram a prática esportiva para seu cotidiano, especialmente no que tange as práticas de corrida e caminhada<sup>8</sup>.

Conforme Rubio<sup>16</sup>, pode-se observar que, no momento pandêmico, a sociedade no geral teve que adaptar ao novo *modus operandi* que estava posto. Do mesmo modo, na véspera da realização dos jogos, os atletas precisaram renunciar a seus espaços de

treinamento, buscar recursos para viver, e seguir cuidando, muitas vezes por conta própria, de sua saúde física e mental. Esse movimento permite-nos discutir a pessoa em duas vertentes: (a) uma perspectiva que é aquela do corpo que foi muito atingido durante esse período de 2020-2022, pois o atleta não tinha o espaço apropriado para o treino, seu treinador o acompanhava por meio de uma tela de computador, além da necessidade de adaptação de exercícios, materiais; e (b) a outra perspectiva se assenta na moral, uma vez que o propósito do atleta é mais que fazer o esporte em si e, com a pandemia, essa percepção ficou mais evidenciada diante dos desafios enfrentados para se manter o alto desempenho exigido desses sujeitos. Logo, tanto o corpo quanto a moral foram impactados pela pandemia de Covid-19 - a humanização perpassou os dois prismas<sup>1</sup>.

Foi enfatizada a importância da linguagem e da interação entre os atletas e técnicos, sendo essencial uma comunicação assertiva e, ao mesmo tempo, acolhedora considerando que todos estavam na mesma precisavam se manter ativos e desempenhando suas ações. Vale ressaltar, contudo, que os protagonistas dessas ações de incentivo mútuo nessas atividades de treino durante a quarentena geralmente estão fora de espaço formal e comum – como os estádios e os locais de treino. Com isso, esses sujeitos tiveram que desenvolver muitas habilidades socioemocionais que, por vezes, poderiam estar adormecidas e que tiveram que ser trabalhadas como: a criatividade, a resiliência, o autoconhecimento, a espiritualidade, dentre outras. Todas essas habilidades foram se maturando durante a pandemia, e pode-se dizer que a humanização nesse fazer e refazer das rotinas esteve presente e foi potencializada. Os atletas foram se reconhecendo como pessoas que precisam de recursos tangíveis e intangíveis para (sobre)viver.

Rubio<sup>5</sup> afirma que, ao longo da história do esporte, foi sendo reforçado um paralelismo entre a jornada do herói, que remonta às mitologias greco-romanas e posteriormente ao romantismo, e as histórias de vida de atletas contemporâneos. A estudiosa denuncia que esse fenômeno causa, ao mesmo tempo que dá prestígio e ascensão social, uma espécie de estereotipação do (a) atleta; e que, por haver esse estereótipo de herói, por vezes, se encobre a ausência de políticas públicas de fomento, pois, nessa lógica do herói, ele não precisa de ajuda, sendo que é ele que ajuda<sup>5</sup>. Acrescenta-se ainda que, devido à alta exposição dos atletas no esporte, eles acabam se tornando espelho para jovens e adolescentes, que sonham em alcançar os mesmos

êxitos. Como influenciadores, quando postos em situações desfavoráveis que não se pode contornar – como é esperado, por exemplo, de super-heróis –, esses sujeitos expostos pelas mídias sofrem com a perda da audiência e, não raramente, com o rendimento pecuniário dela derivado. Isso aconteceu com diversos atletas durante esse período da pandemia; mesmo assim, isso também é uma evidência da humanização desses atletas que, como seres humanos, estão suscetíveis a imprevistos e intempéries externas<sup>15</sup>.

Ademais, mesmo diante desse quadro do Brasil frente às potências olímpicas, durante o período de realização dos grandes eventos esportivos como Jogos Olímpicos e Copa do Mundo, são criadas expectativas de boas performances e a conquista de medalhas, em torno do esporte nacional, equiparando os atletas brasileiros aos expoentes do esporte mundial preparados nos grandes centros esportivos, providos de maiores orçamentos. Assim, a utilização de atletas vencedores no passado como exemplo da possibilidade da vitória no presente, mesmo diante da adversidade, tem sido prática comum e responsável pela criação de um imaginário esportivo contemporâneo heroico no Brasil e em muitos outros países. Por isso, o fenômeno da humanização fica abafado diante dessa estereotipação heroica<sup>5</sup>.

Contudo, com o advento da pandemia de Covid-19, esse estereótipo heroico entrou, no mínimo, em discussão, porque o atleta de alto rendimento necessitou de fomento e de apoio socioemocional tal qual a maior parte da população durante a tormenta pandêmica. Nesse cenário, como apontado, houve um *crescentum* da humanização do atleta. Mesmo assim, com o fim dos casos mais urgentes e massivos de Covid-19, tivemos o desafio de desconstruir gradativamente um imaginário que tende ao individualismo e a valorização da exceção como regra (como acontece nos casos heroicos de superação dos atletas brasileiros oriundos, por vezes, de situações bastante adversas)<sup>12</sup>. Ainda assim, em um mundo que passa por mudanças nas formas de se relacionar com as pessoas e de se deslocar simbolicamente, o papel da cidadania no direito universal ao acesso aos esportes em geral, estimulando a cooperação e a saúde física e mental dos seus praticantes, enfrenta a barreira construída pela mercantilização dos grandes eventos esportivos e estereotipação do atleta como herói<sup>12</sup>. Com a pandemia, foi possível vislumbrar que esse atleta é um ser humano e, como tal, precisa de recursos. Não há exceção à regra mais humana de todas: somos todos vulneráveis, até mesmo os atletas.

### **Considerações Finais**

A alta exposição dos atletas no esporte contemporâneo revela que eles se tornaram referências para jovens e adolescentes, que sonham em alcançar o sucesso também. É importante lembrar, contudo, que esses atletas são seres humanos suscetíveis a adversidades e imprevistos externos. Durante a pandemia da Covid-19, muitos atletas enfrentaram dificuldades, como a perda de audiência e o distrato de contratos de marketing. Essas situações ressaltam a vulnerabilidade desses indivíduos, que, por vezes, são expostos pela mídia como heróis. A pandemia da Covid-19 trouxe desafios a todos.

Por fim, pode-se dizer que a pausa nos Jogos Olímpicos da Era Moderna devido à pandemia da Covid-19 teve um impacto significativo na humanização das práticas esportivas. A interrupção dos jogos proporcionou uma oportunidade para refletir sobre a essência do esporte e as possibilidades de formação dos atletas. Além disso, a exposição excessiva e a estereotipação foram questionadas, revelando a vulnerabilidade dos atletas e ressaltando a importância de oferecer apoio emocional não apenas aos atletas de alto rendimento, mas também à população em geral. Assim, a pausa nos Jogos Olímpicos contribuiu para promover uma visão mais humana e realista das práticas esportivas. Considerando esse cenário, sugere-se que outros estudos aprofundem essa temática e empreguem, para tanto, estudos bibliográficos sistemáticos e análises qualitativas para convalidar os dados aqui trazidos à luz. Eis um trabalho a fazer para contribuir com esse debate que apenas começou.

### **Referências**

- 1 Tammaro R. Olimpíada de Tóquio será marcada por quebra de ritual e incerteza [citado 26 ago 2023]. *Jornal da USP*. 2021. Disponível em <https://jornal.usp.br/atualidades/olimpiadas-de-toquio-sao-marcadas-por-quebra-de-ritual-e-incerteza/>
- 2 Moreira W, Pellegrinotti ÍL, Borin JP. Formação profissional em esporte: a complexidade e a performance humana. In: *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006. p. 185–92.
- 3 Rubio K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Rev Bras Educ Física e Esporte*. 2010;24(1):55–68.
- 4 Rubio K. *Atletas olímpicos brasileiros*. São Paulo: SESI-SP; 2015.
- 5 Rubio K. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 6 Severino AJ. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez; 2007.
- 7 Kuhn TS. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva; 1998.
- 8 Trapé AA. Prática de exercício físico ajudou a manter boa saúde mental na pandemia [citado 26 ago 2023]. *Jornal da USP*. 2022. Disponível em

Santos JF, Sousa ARM, Zimmermann MA. Jogos Olímpicos em xeque: correlações entre a humanização das práticas esportivas e as consequências da pandemia da Covid-19. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2024;8:1-15.

<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/pratica-de-exercicio-fisico-ajudou-a-manter-boa-saude-mental-na-pandemia/>

9 Szymanski S. The economic impact of the world cup. In: *The comparative economics of sport*. New York: Palgrave Macmillan; 2017. p. 226–35.

10 Boykoff J, Mascarenhas G. The Olympics, sustainability, and greenwashing: The Rio 2016 summer games. *Capital Nat Social*. 2016;27(2):1–11.

11 Estes 10 atletas refugiados competirão nos Jogos Olímpicos Rio 2016 [citado 26 ago 2023]. ACNUR Brasil. 2016. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/2016/06/03/estes-10-atletas-refugiados-competirao-nos-jogos-olimpicos-rio-2016/>

12 Ludopédio. Katia Rubio (parte 2) [citado 26 ago 2023]. Ludopédio. 2011. Disponível em <https://ludopedio.org.br/entrevista/katia-rubio-parte-2/>

13 Costa G. Há quase cem anos, Olimpíadas se vangloriavam do pós-guerra, mas esqueciam pandemia [citado 26 ago 2023]. *Globo esporte*. 2020. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/blogs/brasil-em-toquio/noticia/ha-quase-cem-anos-olimpiadas-se-vangloriavam-do-pos-guerra-mas-esqueciam-pandemia.ghtml>

14 Kussoy H. Olympics postponement could cost Tokyo \$5.7 billion [citado 26 ago 2023]. *New York Post*. 2020. Disponível em <https://nypost.com/2020/03/25/2020-olympics-postponement-could-cost-tokyo-5-7-billion/>

15 Pontoglio MCS. Esporte em tempos de pandemia: memórias, incertezas e novos paradigmas [citado 26 ago 2023]. SESC São Paulo. 2020. Disponível em [https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/14546\\_ESPORTE+EM+TEMPOS+DE+PANDEMIA+MEMORIAS+INCERTEZAS+E+NOVOS+PARADIGMAS](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/14546_ESPORTE+EM+TEMPOS+DE+PANDEMIA+MEMORIAS+INCERTEZAS+E+NOVOS+PARADIGMAS)

16 Ludopédio. Esporte e Olimpismo - Dra. Katia Rubio [citado 20 de novembro de 2023]. Ludopédio. 2023. Disponível em <https://ludopedio.org.br/esporte-e-olimpismo-entrevista-com-a-profa-dra-katia-rubio>

17 Florentino J. O humanizar pelo esporte: a necessidade de uma pedagogia do esporte mais complexa. *Revista Lecturas, Educación Física y Deportes*. 2007;12(115):1.